

AGRONEGÓCIO



HERIKLIS DOUGLAS

Nelson Rocha e seu filho Sigmar perderam 6 mil pés de café conilon, que seriam colhidos em maio. Por conta da lama, eles não conseguem irrigar a plantação

MAIS UMA FACE DA TRAGÉDIA

Produtores que dependem do Rio Doce contabilizam prejuízos

Lama impede que sistemas de irrigação funcionem, e produção acaba prejudicada

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

Café, milho, tomate e banana são alguns dos principais produtos que poderiam ter chegado à mesa de diversos consumidores, mas tiveram a colheita prejudicada por causa da lama de rejeitos da Samarco. A falta de irrigação causou prejuízo para cerca de 80 produtores ribeirinhos, que dependem diretamente do Rio Doce.

O agricultor Carlos Alberto Rudio, de Itapina, no distrito de Colatina, sabe bem o que é prejuízo. No total, as perdas foram de 21 mil pés de tomate. "A estimativa é de R\$ 200 mil de prejuízo. Pretendo plantar pimentão no local, mas preciso de alguma certeza sobre a qualidade da água", afirma.

Mas Rudio não foi o único em Itapina. Nelson Rocha e seu filho Sigmar Santos Rocha perderam 6 mil pés de café conilon, que seriam colhidos em maio. Ele, que utiliza a técnica de gotejamento, até tentaram voltar a irrigar, mas o



HERIKLIS DOUGLAS

Pimentão no lugar de tomate, mas sem garantia
Agricultor de Itapina, Carlos Alberto Rudio depende do básico para conseguir reerguer sua produção: água de qualidade.

"No total, as perdas foram de 21 mil pés de tomate. A estimativa é de R\$ 200 mil de prejuízo"

CARLOS ALBERTO RUDIO
Produtor rural de Itapina

problema enfrentado é o entupimento dos bicos por causa da lama.

Segundo o Incaper, cerca de 80 produtores foram afetados. Muitos voltaram a utilizar a água, no entanto, para alguns tipos de produção o instituto não recomenda a irrigação com água do Rio Doce, como é o caso da horticul-

ra. "A lama pode grudar na folhagem e formar uma película, que pode prejudicar", afirma o técnico em desenvolvimento rural Ivan Marcelo Nogueira.

Em relação à utilização da água do Rio Doce para irrigação e hidratação dos animais, a Samarco informou que diversos estudos estão em andamento e, as-

sim que concluídos, os resultados serão divulgados.

ALTERNATIVA

Mesmo com a água cheia de lama, os produtores voltaram a utilizá-la para o cultivo. Como forma de diminuir o prejuízo, calculado em algo próximo a R\$ 500 mil, Ernesto Holz Filho, de Baixo

NO VERMELHO

R\$ 500 mil

Prejuízo de um dos produtores de banana de Baixo Guandu.

Guandu – que produz banana, capim e cacau –, mudou a plantação de alguns hectares.

A banana perdida de algumas partes foi retirada para a plantação de capim. No entanto, agora enfrenta outro problema: a falta de pessoas para comprar o produto. "Ninguém quer comprar porque é utilizada a água do Rio Doce, as pessoas tem medo de que o produto esteja contaminada", afirma.

Alguns produtores da região têm medo de investir. "Tive perda de 70% da lavoura. Tenho medo de investir mais em adubo, tecnologia e energia, e o prejuízo acabar sendo ainda maior", assinala Edmilson Rocha, que prefere aguardar para depois decidir o que fazer.

Cenário desafiador pela frente

As consequências causadas pela lama são muitas. Segundo o professor Laboratório de Gestão de Recursos Hídricos e Desenvolvimento Regional da Ufes, Edmilson Costa Teixeira, em alguns pontos o cenário será irreversível.

"Há alguns pontos em que a lama endureceu e é improvável que volte ao que era antes, mas em outros, pode ser que sim. Em relação ao tempo, depende do controle que está tendo desde onde ocorreu o rompimento em Minas Gerais", comenta.

O professor também aponta que é preciso ter uma ação conjunta do poder público para orientar os produtores sobre qual tipo de cultura pode ser realizada em pontos do Rio Doce e assim saber se é viável a produção. "Muitas plantações precisam de água mais pura, como as hortaliças. Já outras não, como na plantação de milho", conclui